





ROBERT BRYNDZA

MISTÉRIO  
EM  
NINE ELMS



ROBERT BRYNDZA

MISTÉRIO  
EM  
NINE ELMS

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

NINE ELMS by Robert Bryndza Copyright © 2019  
© 2019 Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *Mistério em Nine Elms*

Título original: *Nine Elms*

Autor: Robert Bryndza

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Arranjo de capa: Patrícia Silva

Imagem de capa original: Mark Swan (cedida por Little, Brown Book Group)

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 461236/19

1.ª edição: novembro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

# I

## OUTONO DE 1995

**A** detetive Kate Marshall ia no comboio de regresso a casa quando o telemóvel tocou. Levou um momento a procurar entre as pregas do seu longo casaco de inverno antes de o encontrar no bolso de dentro. Pegou no enorme telefone semelhante a um tijolo, puxou a antena e atendeu. Era o seu chefe, o inspetor-chefe Peter Conway.

– Senhor. Olá.

– Finalmente. Ela atende! – disparou ele, sem preâmbulos.

– Tenho estado a ligar-lhe. De que raio serve ter um destes novos telemóveis se não atende?

– Desculpe. Estive o dia todo no tribunal para a leitura da sentença do Travis Jones. Apanhou três anos, mais do que eu...

– Um passeador de cães encontrou o cadáver de uma rapariga abandonado em Crystal Palace Park – interrompeu-a. – Nua. Com marcas de mordedura no corpo e um saco de plástico amarrado por cima da cabeça.

– O Canibal de Nine Elms...

– Operação Cicuta. Sabe que não gosto desse nome.

Kate quis responder que o nome pegara e que estava enraizado, mas ele não era o tipo de chefe que encorajasse os gracejos. A imprensa cunhara o epíteto dois anos antes, quando Shelley Norris, de dezassete anos, fora encontrada num sucateiro da região de Nine Elms no sudoeste de Londres, perto do Tamisa. Tecnicamente, o

assassino só mordia as vítimas, mas isso não impediu a imprensa de o considerar um assassino em série. Nos últimos dois anos, haviam sido raptadas mais duas adolescentes, ambas ao início da noite, quando regressavam da escola. Os corpos tinham aparecido vários dias depois, abandonados em parques de Londres. Nada vendia tantos jornais como um canibal à solta.

– Kate. Onde está?

Estava escuro do lado de fora da janela do comboio. Olhou para o ecrã eletrónico da carruagem.

– Na DLR<sup>1</sup>. Estou quase a chegar a casa, senhor.

– Apanho-a à entrada da estação, no nosso sítio do costume. – Desligou sem esperar pela resposta.



Vinte minutos depois, Kate esperava numa pequena extensão de pavimento entre a passagem subterrânea da estação e a movimentada circular sul, onde uma fila de carros passava lentamente. Grande parte da área em torno da estação estava em construção, e o caminho de Kate até ao seu pequeno apartamento levava-a por uma longa estrada cheia de estaleiros vazios. Não era um local aconselhável a demorar-se depois de escurecer. Os passageiros com quem saíra do comboio já tinham atravessado a rua e dispersado. Olhou para trás por cima do ombro, para a húmida e vazia passagem inferior banhada em sombras, e mudou de posição; entre os pés, tinha um pequeno saco com as compras para o jantar.

Uma gota de água atingiu-lhe o pescoço, seguida de outra, e começou a chover. Levantou a gola do casaco e curvou-se, aproximando-se dos faróis brilhantes na fila de trânsito.

Kate fora destacada para a Operação Cicutu dezasseis meses antes, quando a contagem de cadáveres do Canibal de Nine Elms ia em dois. Fora uma golpada juntar-se a um caso tão importante, principalmente porque viera acompanhado da promoção a detetive à paisana.

Nos oito meses passados desde a descoberta do cadáver da terceira vítima – uma estudante de dezassete anos chamada Carla Martin –, o

---

<sup>1</sup> *Docklands Light Railway*, sistema de metropolitano que serve a zona das Docklands e a região leste de Londres. (*N. da T.*)



caso arrefecera. A Operação Cicuta fora reduzida, e Kate, juntamente com vários outros agentes mais novos, tinha sido transferida para a brigada de estupefacientes.

Kate semicerrou os olhos por entre a chuva, observando a longa fila de trânsito. Ao virar de uma curva apertada apareceram uns faróis brilhantes, mas não se ouviam sirenes da polícia. Olhou para o relógio e afastou-se da luz.

Há dois meses que não via Peter. Pouco antes de ser transferida, dormira com ele. Peter não era muito próximo da equipa e, numa noite de bebidas depois do trabalho, tinham conversado, e ela achara a sua companhia e inteligência estimulantes. Tinham ficado até tarde no bar, depois de o resto da equipa ir para casa, e acabado no seu apartamento. Então, na noite seguinte, ele convidara-a para sua casa. Aquela breve relação amorosa ardia dentro de Kate, de arrependimento. Fora um momento de loucura. Dois momentos, antes de ambos terem visto a razão. Tinha uma forte bússola moral. Era uma boa polícia.

*Apanho-a à entrada da estação, no nosso sítio do costume.*

Incomodava-a que Peter tivesse dito aquilo ao telefone. Dera-lhe boleia para o trabalho duas vezes, mas apanhara também o inspetor Cameron Rose, que vivia ali perto. Teria ele dito *o nosso sítio do costume* a Cam?

O frio começava a subir-lhe pelas costas do longo casaco e a chuva infiltrara-se pelos buracos nas solas dos «sapatos bons» que Kate usava para ir a tribunal. Ajustou a gola e encolheu-se, voltando a atenção para a fila de trânsito. Quase todos os condutores eram homens, brancos, a rondar os trinta anos. O perfil demográfico perfeito para assassinos em série.

Uma carrinha branca suja passou por ali, o rosto do condutor distorcido pela chuva no para-brisas. A polícia acreditava que o Canibal de Nine Elms usava uma carrinha para raptar as vítimas. Em duas delas, tinham sido encontradas fibras de tapete correspondentes a uma carrinha branca *Citroën Dispatch* de 1994, das quais havia mais de cem mil registadas em Londres e arredores. Kate perguntou-se se os agentes que continuavam na Operação Cicuta ainda trabalhavam na lista de proprietários de uma *Citroën Dispatch*. E quem era a nova vítima? Não aparecera nada nos jornais sobre uma pessoa desaparecida.

Os semáforos ao fundo ficaram vermelhos, e um pequeno *Ford* azul parou a poucos metros. O condutor era cidadão: excesso de peso, a meio dos cinquenta, de fato às riscas e de óculos. Viu Kate, arqueou sugestivamente as sobrancelhas e fez sinal com os faróis. Kate desviou o olhar. O *Ford* aproximou-se, fechando o intervalo na fila de carros até a janela do lado do passageiro estar quase ao nível dela. O homem abriu-a e debruçou-se.

– Olá. Parece estar com frio. Eu podia aquecer-te... – Deu uma palmada no banco ao seu lado e pôs a língua, fina e pontiaguda, de fora. Kate paralisou. O pânico subiu-lhe ao peito. Esqueceu-se de que tinha a identificação da polícia e de que era uma agente. Esqueceu-se de tudo, e o medo dominou-a. – *Vá lá*. Salta cá para dentro. Vamos aquecer-te – disse ele. Bateu de novo no banco, impaciente.

Kate afastou-se da berma. A passagem atrás dela estava escura e vazia. Os outros veículos eram conduzidos por homens, que pareciam alheados, no conforto dos carros. Os semáforos continuavam vermelhos. A chuva batia preguiçosamente nos tejadilhos. O homem debruçou-se mais e a porta do lado do passageiro abriu-se alguns centímetros. Kate recuou outro passo, mas sentiu-se encurralada. E se ele saísse do veículo e a empurrasse para a passagem?

– Não brinques comigo. Quanto? – perguntou o homem. O sorriso desaparecera e Kate viu que tinha as calças abertas. As cuecas estavam sujas e desbotadas. Meteu o dedo por baixo do elástico e expôs o pénis e uma camada de pelos púbicos grisalhos.

Kate continuava paralisada, desejando que as luzes mudassem.

De súbito, uma sirene rasgou o silêncio, e os carros, bem como o arco da passagem, foram iluminados pelo piscar de luzes azuis. Apressando-se, o homem apertou as calças, fechou a porta, ativou o fecho centralizado e devolveu ao rosto um olhar impassível. Kate remexeu na bolsa e tirou o cartão de identificação da polícia. Dirigiu-se ao *Ford* azul e encostou-o à janela do lado do passageiro. Irritada por não o ter feito antes.

O carro não identificado de Peter, com a luz giratória azul no tejadilho, saiu disparado do trânsito, metade pisando a berma relvada. O semáforo passou a verde. O automóvel à frente afastou-se,

e Peter meteu-se nesse intervalo. O homem dentro do *Ford* estava em pânico, alisando o cabelo e a gravata. Kate fulminou-o com o olhar, guardou o cartão novamente na bolsa e dirigiu-se ao lado do passageiro do carro de Peter.

## II

— **D**esculpe a espera. Trânsito — disse Peter, com um sorriso enérgico. Tirou um monte de papelada do banco do passageiro e pô-lo atrás do seu lugar. Era um homem atraente, em finais dos trinta, com um denso e ondulado cabelo preto, maçãs do rosto altas e olhos castanhos suaves. Vestia um fato preto caro feito à medida.

— Claro — respondeu ela, sentindo alívio enquanto guardava a bolsa e as compras junto aos pés e se sentava. Assim que fechou a porta, Peter acelerou e ligou a sirene.

Tinha a pala do lado do passageiro descida e Kate captou o seu reflexo no espelho ao levantá-la. Não usava maquilhagem, nem estava vestida de forma provocante, e sempre se achara um pouco banal. Não era delicada, mas sim de traços fortes. O cabelo à altura dos ombros estava afastado do rosto, enfiado na gola do longo casaco de inverno, quase sem pensar nisso. O que sobressaía eram os olhos invulgares, de um impressionante azul-violáceo com uma explosão de laranja-torrado a jorrar-lhe das pupilas, causada por heterocromia setorial, uma rara condição em que os olhos têm duas cores.

A outra marca, não permanente, era um lábio fendido que começava a cicatrizar, provocado por um bêbedo irado que, dias antes, resistira à detenção. Não sentira medo ao lidar com o bêbedo nem vergonha por ele lhe ter batido. Fazia parte do trabalho. Porque se sentia incomodada por aquele sórdido homem de negócios se ter atirado a ela? Era ele quem tinha as cuecas desbotadas e um pequeno toco de virilidade.

— O que foi aquilo? Com o carro de trás? — perguntou Peter.

– Oh, tinha uma das luzes de travagem fundida – respondeu ela. Era mais fácil mentir. Sentia-se envergonhada. Empurrou o homem e o seu *Ford* azul para o fundo da mente. – Chamou a equipa inteira à cena do crime? – perguntou Kate.

– Claro – replicou ele, olhando-a de relance. – Depois de falarmos, recebi uma chamada do comissário adjunto, Anthony Asher. Diz que, se este homicídio estiver relacionado com a Operação Cicuta, só preciso de pedir, e terei todos os recursos à disposição.

Fez uma rotunda em quarta e seguiu para Crystal Palace Park. Peter Conway era um polícia de carreira e Kate não tinha dúvidas de que a solução daquele caso resultaria na sua promoção a superintendente ou até superintendente-chefe. Peter fora o agente mais jovem na história da Polícia Metropolitana a chegar a inspetor-chefe.

As janelas começavam a embaciar e ele ligou o aquecimento. O arco de condensação no para-brisas ondulou e desapareceu. Entre um grupo de casas geminadas, Kate captou um vislumbre do horizonte iluminado de Londres. Havia milhões de luzes, pontos no tecido negro do céu, simbolizando as casas e os escritórios de milhões. Kate perguntou-se qual das luzes pertencia ao Canibal de Nine Elms. *E se não o encontrarmos?*, pensou. *A polícia nunca descobriu Jack, o Estripador, e na altura Londres era minúscula em comparação.*

– Conseguiram mais alguma pista da base de dados das carrinhas brancas? – perguntou.

– Trouxemos mais seis homens para interrogatório, mas o ADN não correspondia ao do nosso homem.

– O facto de ele deixar ADN nas vítimas não significa apenas descuido ou falta de controlo. Parece estar a marcar o território. Como um cão.

– Acha que ele quer que o apanhemos?

– Sim... Não... Possivelmente.

– Age como se fosse invencível.

– Ele *acha* que é invencível. Mas vai escorregar. Escorregam sempre – disse Kate.

Viraram para a entrada norte de Crystal Palace Park. Estava um carro da polícia à espera e o agente deixou-os passar. Desceram uma longa avenida reta de gravilha habitualmente reservada a peões. Ladeavam-na grandes carvalhos a perder as folhas, e estas atingiam

os limpa-para-brisas com um som húmido, entupindo-os. Ao longe, o enorme transmissor de rádio de Crystal Palace sobressaía entre as árvores como uma esguia Torre Eiffel. A estrada virava para dentro e terminava num pequeno parque de estacionamento junto a um longo e plano campo relvado encostado a uma zona de bosque. Um cordão de fita policial circundava a extensão de relva. Ao centro, havia um segundo cordão mais pequeno em torno de uma tenda forense que brilhava no escuro. Perto estavam a carrinha do patologista, quatro carros-patrolha e um grande veículo branco de apoio policial.

Onde o alcatrão se cruzava com a relva, a fita do primeiro cordão ondulava com a brisa. Foram recebidos por dois agentes fardados: um homem de meia-idade, cuja barriga pendia sobre o cinto, e um jovem alto e magro, ainda com ar de adolescente. Kate e Peter mostraram a identificação ao agente mais velho. Tinha pele solta a ensombrar-lhe os olhos e, enquanto olhava do seu cartão para o de Peter, lembrou a Kate um camaleão. Devolveu-lhes os cartões e ia a levantar a fita, mas hesitou, olhando para a tenda brilhante.

– Em toda a minha vida, nunca vi nada assim – disse ele.

– Foram os primeiros a chegar? – perguntou Peter, impaciente por que ele levantasse a fita.

– Sim. Agente Stanley Gresham, senhor. Este é o agente Will Stokes – respondeu, apontando para o jovem, que fez uma careta, virou-lhes as costas e vomitou por cima da fita. – É o seu primeiro dia de trabalho – acrescentou, abanando a cabeça. Kate lançou ao jovem um olhar de pena enquanto ele arquejava e vomitava de novo, com finos fios de saliva pendurados da boca. Peter tirou um lenço branco limpo do bolso de dentro e Kate pensou que ele o ia oferecer ao jovem agente, mas encostou-o ao nariz e à boca.

– Quero este local isolado. Nem uma palavra a ninguém – disse Peter.

– É claro, senhor.

Peter gesticulou os dedos na direção da fita policial. Stanley levantou-a e eles passaram por baixo. A relva descia até ao segundo cordão, onde o detetive Cameron Rose e a inspetora Marsha Lewis aguardavam. Cameron, tal como Kate, tinha vinte e poucos anos, e Marsha era mais velha, uma mulher baixa de cinquenta anos, com

um elegante fato preto de calças e um longo casaco preto. Tinha o cabelo grisalho curto e voz rouca de fumadora.

– Senhor – disseram ambos em uníssono.

– O que se passa, Marsha? – perguntou Peter.

– Todas as entradas e saídas do parque estão seladas, e mandei vir os agentes locais para uma busca de impressões digitais e o porta a porta. A patologista forense já está lá dentro, pronta para falar connosco – informou Marsha.

Cameron era alto e desengonçado. Não tivera tempo de trocar de roupa, e mais parecia um adolescente vulgar do que um detetive, com calças de ganga, sapatilhas e um casaco verde de inverno. Kate perguntou-se fugazmente o que estaria ele a fazer quando fora chamado à cena do crime. Presumiu que tivesse vindo com Marsha.

– Quem é a nossa patologista forense? – perguntou Peter.

– Leodora Graves – respondeu Marsha.



Estava calor dentro da tenda brilhante, onde as luzes eram quase dolorosamente fortes. A patologista forense Leodora Graves, uma mulher baixa e de pele escura com penetrantes olhos verdes, trabalhava com dois assistentes. Uma jovem nua jazia de barriga para baixo numa depressão lamacenta na relva. Tinha a cabeça coberta por um saco de plástico transparente, bem amarrado à volta do pescoço. A pele pálida estava raiada de terra e sangue e apresentava inúmeros cortes e arranhões. A parte de trás das coxas e das nádegas tinha várias mordeduras profundas.

Kate postou-se junto ao corpo, já a suar sob o capuz e a máscara facial do grosso fato forense branco. A chuva caía sobre o tecido esticado da tenda, obrigando Leodora a erguer a voz.

– A vítima foi posicionada, deitada sobre o lado direito, com o braço direito debaixo da cabeça. O braço esquerdo está pousado e estendido. Tem seis mordeduras no fundo das costas, nádegas e coxas. – Apontou para as mordeduras mais profundas, onde a carne fora removida, ao ponto de expor a coluna da rapariga. Deslocou-se para junto da cabeça da vítima e ergueu-a suavemente; o pedaço de

fina corda estava bem apertado à volta do pescoço, cravando-se na carne agora inchada. – Reparem na especificidade do nó.

– O punho de macaco – disse Cameron, falando pela primeira vez. Parecia abalado. Embora as máscaras dos fatos forenses encobrissem o rosto dos colegas, Kate lia-lhes a expressão de alarme nos olhos.

– Sim – concordou Leodora, segurando o nó na mão enluvada. O que o tornava invulgar era a série de voltas que se intersetavam, como um pequeno novelo de lã, quase impossível de reproduzir com uma máquina.

– É ele. O Canibal de Nine Elms – afirmou Kate. As palavras saíram-lhe antes que pudesse impedi-las.

– Precisaréi de concluir mais da minha autópsia, mas... sim – concordou Leodora. A chuva intensificou-se, acentuando o martelar trovejante no teto da tenda. Soltou a cabeça da rapariga, pousando-a gentilmente onde jazia em cima do braço. – Existem provas de que foi violada. Há fluidos corporais, e foi torturada, cortada com um objeto afiado, e queimada. Veem-se as marcas nos braços e na parte exterior das coxas. Parecem ter sido provocadas pelo isqueiro de um carro.

– Ou de uma *Citröen Dispatch* branca – disse Kate. Peter dirigiu-lhe um olhar duro. Não gostava de ser corrigido.

– Causa da morte? – perguntou.

– Preciso de fazer a autópsia, mas oficiosamente, nesta fase diria asfixia com o saco de plástico. Há indícios de hemorragias petequiais no rosto e no pescoço.

– Obrigado, Leodora. Fico a aguardar com expectativa os resultados da sua autópsia. Espero que possamos identificar rapidamente esta pobre rapariga.

Leodora acenou aos assistentes, que trouxeram uma maca desmontável com um novo e reluzente saco preto para cadáveres. Colocaram-no junto ao corpo e rodaram suavemente a jovem para cima da maca. A parte da frente do corpo nu estava marcada por pequenos arranhões e queimaduras circulares. Era impossível dizer qual o seu aspeto – o rosto estava distorcido e grotesco por baixo do plástico. Tinha uns grandes olhos azul-pálidos, leitosos na morte e paralisados num olhar fixo. A sua expressão fez Kate estremecer. Eram desprovidos de esperança, como se aquele último pensamento lhe tivesse ficado petrificado no olhar. Soubera que ia morrer.



### III

**V**er o corpo devastado da jovem deixou Kate perturbada e exausta após o que fora já um longo dia, mas uma investigação daquela escala tinha de avançar depressa. Mal saíram da tenda forense, foi enviada para fazer averiguações porta a porta em Thicket Road, uma longa avenida de elegantes habitações isoladas do lado ocidental do parque.

Apesar de terem uma equipa de oito agentes, levaram quase cinco horas a chegar ao fundo da rua, e a chuva não parou. A principal pergunta – *Viu uma Citroën Dispatch branca de 1994 e/ou alguém a agir de modo suspeito?* – suscitava medo e curiosidade nos residentes de Thicket Road. A tentativa de identificar uma carrinha branca fora amplamente reportada na imprensa, mas a polícia não estava autorizada a comentar os pormenores do caso. Ainda assim, a maioria das pessoas com quem Kate falou sabia que ela investigava o Canibal de Nine Elms e tinha a sua opinião, perguntas e suspeitas. Tudo isso gerava pistas intermináveis, que teriam de ser seguidas.

Pouco depois da meia-noite, Kate e a sua equipa foram chamadas ao ponto de encontro. O corpo da jovem estava na morgue para ser autopsiado, e a busca de impressões digitais em Crystal Palace Park era dificultada por má visibilidade e chuva torrencial, sendo-lhes dito que se retirassem por essa noite e que retomariam o trabalho na manhã seguinte.

O agente com quem Kate estivera a trabalhar apanhou um autocarro de volta ao norte de Londres, deixando-a sozinha no parque de estacionamento. Estava prestes a chamar um táxi quando as luzes de um carro ao canto piscaram e Kate viu Peter dirigir-se a ela.

– Precisa de boleia para casa? – perguntou ele. Também estava ensopado e cansado, e Kate valorizou-o porque arregaçara as mangas e não ficara instalado numa das carrinhas de suporte com uma chávena de café. Olhou em volta. Restavam três carros-patrolha, mas presumiu que pertencessem aos agentes a quem coubera ficar no parque.

Ele viu-a hesitar.

– Não é problema nenhum, e tem os seus sacos no meu carro – disse. A falta de entusiasmo ante a perspectiva de a levar a casa deixou-a mais recetiva a aceitar a boleia.

– Obrigada. Isso seria ótimo – respondeu, subitamente ansiosa por um duche quente, chá e torradas barradas com manteiga e mel, seguidas da cama quente. Ele abriu a mala do carro e tirou um monte de toalhas de um saco da lavandaria.

– Obrigada – repetiu Kate, pegando numa e pondo-a à volta dos ombros, torcendo também o rabo de cavalo molhado. Abriu a porta do passageiro e viu que o saco das suas compras continuava no chão. Peter abriu a porta do condutor e depois o porta-luvas. Vasculhou, tirando o manual do carro e um molho de chaves, até encontrar uma caixa de toalhete para bebé. Limpou as mãos, atirando depois os toalhete sujos para debaixo do carro.

– Alguma coisa da busca de impressões digitais? – perguntou ela.

– Algumas fibras, beatas, um sapato, mas é um parque, sabe-se lá de quem são.

Pôs uma toalha no banco do passageiro e tirou um garrafa térmica da consola central, entregando-lha enquanto estendia outra toalha no banco do condutor. Kate assistiu, divertida. Parecia tão domesticado, afadigando-se e arrumando de forma inconscientemente teatral, certificando-se de que as capas improvisadas estavam perfeitas e manter-se-iam no lugar.

– Acho que é a primeira pessoa que vejo a tentar aplicar cuidados hospitalares num banco de automóvel – observou.

– Estamos encharcados e o carro é novo. Não sabe o quanto tive de lutar para o conseguir – respondeu ele, franzindo o sobrolho.

Era a primeira vez nessa noite que ele mostrava alguma emoção. Os bancos sujos provocavam-lhe ansiedade. Kate perguntou-se se era isso que acontecia após muito tempo na polícia. Isolavam-se das coisas horríveis e preocupavam-se com as pequenas.

Fizeram a viagem de regresso a Deptford em silêncio. Ela olhou pela janela. Dividida entre tentar tirar ou manter a imagem da jovem na cabeça. Não esquecer o seu rosto, guardar cada pormenor.

Kate vivia no rés do chão de um prédio situado atrás de uma longa e baixa fila de lojas à saída da Deptford High Street. O acesso era feito através de um esburacado parque de estacionamento em gravilha, e o carro de Peter abriu caminho aos solavancos. Pararam à sua porta sob um toldo descaído, perto da zona de entregas do restaurante chinês local, onde havia uma pilha de caixotes cheios de garrafas de refrigerante vazias. Os faróis refletiram-se na pálida parede das traseiras do edifício, iluminando o interior do carro.

– Obrigada pela boleia – disse Kate, abrindo a porta e saindo a passos largos para evitar uma grande poça. Peter debruçou-se e entregou-lhe o saco das compras.

– Não se esqueça disto, e vemo-nos amanhã às dez na esquadra.

– Até lá, então.

Pegou no saco e fechou a porta. Os faróis iluminaram o estacionamento enquanto ela procurava a chave no bolso e abria a porta da frente. Depois, ficou escuro. Virou-se para ver as luzes traseiras a desaparecer. Cometera um erro idiota ao dormir com o seu chefe, mas após ter visto a jovem morta e saber que ainda havia um assassino à solta, isso parecia não ter importância.